



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



O APELO DA RUPTURA DE GROTOWSKI NO POEMA DE CARLOS DJANDRE ROLIM

Maria Teresa M. Rezende¹
Eliane Maria de Oliveira Giacon²

Resumo: O artigo baseia-se no estudo dos influxos de Grotowski, no poema de Djandre, presente na obra *Poemas inomináveis* (1996), por meio da teoria crítica e literária. A perspectiva dessa relação desenvolve-se pela negatividade da ação ideológica com a intenção de enfatizar a tradição da ruptura e o eterno começo da busca pela “procura” incessante da presença, que caracterizam os movimentos de vanguarda, e acompanham a pluralidade e a heterogeneidade do moderno como tradição. O pseudorompimento com o tradicional é configurado pela negação do tradicional e da própria ruptura.

Palavras-chave: tradição, moderno, ruptura e renovação.

Resumen: El artículo propone un estudio de los influjos de Grotowski en el poema de Djandre, presente en el libro *Poemas Inomináveis* (1996) haciendo uso de las teorías críticas y literarias. La perspectiva de esta relación se desarrolla por la negación de la acción ideológica con la intención de realzar la tradición de la ruptura y el eterno comienzo de la busca por la “procura” incesante de la presencia que caracterizan los movimientos de vanguardia, y se agregan a la pluralidad y a la heterogeneidad del moderno como tradición. El pseudorompimiento con lo tradicional presentase compuesto por la negación de lo tradicional y de la propia ruptura.

Palabras clave: tradición, moderno, ruptura y renovación.

Introdução

Carlos Djandre Rolim, poeta nascido em Campo Grande e de engajamento artístico intenso, integra a literatura sul-mato-grossense esquivando-se da estereotipia regional; assim, sua obra se identifica e apresenta tendências literárias mais próximas das vanguardas modernistas e suas tradições, tão singulares e próprias dos movimentos de emancipação do sujeito lírico e social. Esta emancipação identifica-se mais

¹ Bolsista FUNDECT/UEMS, aluna da graduação em Letras Port/Espanhol da UEMS- U.U. Campo Grande

² Professora Doutora em Letras/Literatura brasileira, professora da graduação e do Mestrado em Letras da UEMS-U.U. Campo Grande



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



fortemente ao lirismo romântico de caráter substancialmente mais livre e próximo às propostas de inovação e reorganização das formas tradicionais, estilísticas e conceituais, que exortam à criticidade e ao abandono da ingenuidade que devem caracterizar o sujeito do século XX. O sujeito lírico de Djandre apresenta-se despidido da ingenuidade do lirismo clássico e desconstrói o ideal com a acidez da crítica que desenvolve o sujeito moderno.

A partir das leituras teóricas de autores que tratam do estudo tanto das correntes literárias, quanto das correntes históricas, sociais e culturais que tem no sujeito e na sociedade sua relação mais palpável, foi possível optar por um poema para análise que desenvolve um estudo sobre os influxos do teatrólogo polonês Jerzy Grotowski, criador do “teatro pobre” no poema em questão, que termina com uma citação que faz referência ao teatrólogo.

A análise compreende um estudo dos conceitos do “teatro pobre”, que serão esclarecidos mais adiante, e de suas aplicações no ato criativo da produção artística teatral e como esses mesmos conceitos influenciaram Djandre no processo criativo do poema analisado; após delimitar a perspectiva teórica de abordagem por meio do conceito de ideologia, fez-se necessário discorrer sobre as acepções do conceito e suas aplicações efetivas.

A escolha por essa perspectiva deu base às explanações sobre o “desvínculo” do poeta com o estereótipo regional, bem como o esclarecimento das referências contidas no poema, uma vez que em vista do amplo conceito de ideologia, optou-se por desenvolver o estudo posicionando-se em acordo com a escolha da negação da positividade da ação ideológica.

O enfoque permitiu estabelecer pontos de contato entre eles por meio de teorias que apontam o contexto social e suas influências nas produções artísticas; e atentando para as variantes históricas, materiais, culturais e políticas permitiu reconhecer a resistência presente nas produções artísticas de ambos e tão característica da arte moderna.

Tanto Grotowski como Djandre deixam entrever em seus atos criativos a negação aos padrões convencionais de caráter impositivo, e buscam rompê-los sob o signo da libertação, por meio de suas peculiaridades individuais. A libertação proposta no rompimento, vista a partir da negação da ação



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



ideológica, quebra a falsa unicidade inerente aos discursos ideológicos que mesmo professando a liberdade, estão impregnados do caráter dominante.

É a relação entre as libertações individuais que cada um deles propõe, e que se repetem e se diferenciam à medida que se desdobram na manipulação do signo coletivo, e de que forma essas repetições e diferenciações se estabelecem no ato criativo; constituem o objetivo do estudo.

A adoção proposital de uma perspectiva que questiona o discurso ideológico e seus conceitos, tendendo à negatividade e resistência da literatura e poesia, confluem para desenvolver a análise, considerando-se o reconhecimento da tradição da ruptura e da inovação tanto no poeta quanto no teatrólogo e que estão propostas nos movimentos vanguardistas do século XX. A reorganização dos signos e suas semânticas conceituais que surgem da necessidade de um enfoque mais crítico e menos purista do sujeito lírico, estendem-se ao sujeito social e político, e reclamam a “presença”, inerente ao ato criativo que busca a libertação.

A análise permitirá compreender, dentro da perspectiva adotada, como as tradições de negatividade e ruptura aproximam o sujeito lírico do poema ao “teatro pobre” de Grotowski, e como afastam o poeta da estereotipia regional quando o sujeito lírico e sua temática imprimem a heterogeneidade e diversidade no estilo, forma e conceitos que tentam reorganizar a poética.

1. A poética e resistência na ruptura de Djandre

Pouco conhecido e estudado, o poeta e sua obra talvez se encaixem na reflexão de Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*:

Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e sua obra. (Candido, 2000, p. 33)



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



De fato, Djandre e sua obra ocupam lugar de pouco destaque no cenário regional; mas isso não interfere na qualidade de sua poética. Despojado do caráter regional e tradicionalista de nosso Estado, sua poesia imprime a diversidade; o rompimento com o convencionalismo totalitário e caduco que é cultivado não só com relação às artes mas, também, nos vários setores da sociedade.

Sua poética institui-se, estruturalmente, na ausência das formas fixas e define-se no verso livre e branco; estilisticamente, anuncia a criatividade e a sensibilidade que são tão características da (re)significação semântica e conceitual.

A indissolúvel relação entre as estruturas conceituais e expressivas garantem aos poemas de Djandre relativa autonomia no que diz respeito às regras sintático-semânticas do sistema de linguagem comum.

Segundo Daniel Abrão, Djandre

aposta em um lirismo até certo ponto passadista, não fosse o sabor anacrônico de seu romantismo algo deliberadamente construído, a partir de elementos da poesia contemporânea, como a fragmentação, a diluição do sujeito na linguagem e a desidealização da figura feminina. Entretanto, ainda sobram restos de um neoromantismo até certo ponto ingênuo, que não se agrava enquanto suas metáforas, figurações e usos da linguagem se encaminham para a rarefação do sentido e para a abstração dos conceitos. (Abrão, 2010, p.299)

Todas essas características de sua poética, cheia do hibridismo inerente à toda poesia, principalmente da poética das correntes vanguardistas, concorrem na sua produção lírica para construir uma obra que substancialmente se liga à arte de segregação que “se preocupa em renovar o sistema simbólico, criar novos recursos expressivos e, para isto, dirige-se a um número ao menos inicialmente reduzido de receptores, que se destacam, enquanto tais, da sociedade” (Candido, 2000, p.21).

Dessa renovação do simbólico e suas significações que Antonio Candido menciona, surgem sucessivas (re)inaugurações da expressividade, “grávidas” de possibilidades que nascem em produções de alto valor artístico, tão pertinentes e necessárias para se mensurar as transformações históricas, materiais e



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



conceituais, na poesia; descobrir como ela resiste historicamente em ser alijada quando não corresponde ao padrão impositivamente definido.

A condição material e histórica da poesia contemporânea, abordada por Alfredo Bosi (2000, p. 167) em uma interessante observação a respeito da poesia, mais especificamente da poesia moderna, mas que abrange a poesia como um todo, visto que a linha divisória que define as classificações poéticas e literárias é muito tênue, o que concorre para as misturas estruturais, estilísticas e até mesmo conceituais. A poesia contemporânea demonstra como o estabelecimento de uma nova tendência poética se faz lenta, mas contínua e sobretudo necessária; e como a ruptura se torna, também, tradição pela impossibilidade de recriar as relações sociais, que mesmo quando tendem à resistência e à transgressão do formal, esgotam-se em si mesmas, adquirindo caráter tradicional.

Nostálgica, crítica ou utópica, a poesia moderna abriu caminho caminhando. O que ela não pôde fazer, o que não está ao alcance da pura ação simbólica, foi criar materialmente o novo mundo e as novas relações sociais, em que o poeta recobre a transparência da visão e o divino poder de nomear. (Bosi, 2000, p.167)

Djandre transgride o formal como genuíno integrante da arte de segregação, e com sua poética soma-se àqueles que socorrem a poesia de seu exílio determinista; e mesmo que sua qualidade poética institua “um trabalho ainda devedor do modernismo e de suas vanguardas”, (Abrão, 2000, p. 299), pode-se reconhecer em sua obra o caminho trilhado pela poesia moderna.

Nas linhas seguintes desenvolve-se um estudo direcionado da análise de um dos poemas que foi publicado no livro *Poesias Inomináveis*, (1996) de Djandre; no livro, os poemas são apresentados em páginas diversas, sem títulos, contudo alguns trazem observações entre parênteses ao final. O poema escolhido foi utilizado para traçar um paralelo com a arte do teatrólogo polonês Jerzy Grotowski, fundador do “teatro pobre”.

No poema, Djandre faz uma alusão a Grotowski, no verso: “visão refletida no avesso de uma leitura de Grotowski”. (Rolim, 1996,p.43), que de forma explícita expõe qual a relação de seu poema com o teatrólogo Grotowski. A partir dessa observação, é que o presente estudo se desenvolve.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Grotowski, com um pouco da sua biografia, seu pensamento e sua ação na/para arte ocupam a introdução deste trabalho, que vem seguida da análise do poema, a qual se propôs a reconhecer os influxos de Grotowski que permeiam a poética de Djandre.

2. Grotowski: significado e significação do “teatro pobre”

Grotowski, polonês e diretor de teatro, é expoente significativo da arte do século XX e introduziu formas (re)significadas e de importância substancial aos modos de atuação do teatro experimental e de vanguarda.

Diretor de várias produções famosas como “Orfeu” de Jean Cocteau entre outras, foi o criador do Teatro Laboratório Polonês em 1965, que seria então mais conhecido como o “Teatro Pobre” e ficaria consolidado, estabelecendo-se cânone importante para formas de abordagem nas técnicas utilizadas de interpretação teatral, revolucionando o teatro de vanguarda.

O “Teatro Pobre” tende ao ritualístico e prioriza o ator sensível ao mundo, que o rodeia. Para Grotowski a interação do ator com o espectador é a essência da interpretação. Esse encontro ator/público nada mais é do que um processo de produção que, segundo Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (2000), permeia a obra de arte, e está intrinsecamente ligada ao seu destino comunicativo. O autor/ator, sua obra e o público a que se destina estão intimamente relacionados, e são, naturalmente, interdependentes. Assim como no teatro, a literatura, instituída como obra de arte é igualmente constituída desse processo e possui seu “encontro” com o leitor. O processo comunicativo realiza-se na obra, onde o leitor encontrará o autor.

A ideia do “desnecessário”, assim como o encontro com o público, compõe a estrutura fundamental desse teatro; nele o ator é o indispensável e sua expressão é a finalidade primeira e última no desenvolvimento teatral. Esse “desnecessário” é tudo que não seja o ator (figurinos, cenários, etc); e este por sua vez, será levado ao máximo de sua expressividade por meio de exercícios que desenvolvam o controle necessário para atingir o natural.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



O ato de criação, defendido por Grotowski, deve estar desvinculado do convencional e do arbitrário ligados à sociedade, nessa perspectiva, a arte alcança desenvolvimento maduro, tão necessário à libertação. Ligado à arte de segregação, o teatrólogo propõe novas significações ao sistema simbólico convencional socialmente instituído, porém, tendo a arte caráter social, uma vez que sofre influxos diretos do meio, essa libertação do ato de criação não poderia estar integralmente desvinculada da sociedade convencional; a inovação de Grotowski rompeu com conceitos fixos sedimentados pela sociedade, mas necessitou desses mesmos conceitos para subverter o tradicional, e atingir essa libertação tão buscada.

Essa libertação que pretende destacar e instituir as diferenças, revolucionando os recursos de expressão, de abordagem e construção da arte, vai estabelecer a relação entre Grotowski e o poema designado dentro do objeto da pesquisa, no qual o autor se refere ao diretor de teatro. A perspectiva ideológica é o que vai delimitar essa relação.

A escolha por uma perspectiva que tange o ideológico é desenvolvida e baseada em teorias que consideram esse conceito de maneiras diversas, e essas reflexões, ora se estendem em pontos de contato, e ora são contraditórias entre si. A opção pela abordagem de negação da ação ideológica será utilizada para estabelecer a relação entre Grotowski e o poema de Djandre; lembrando que essas mesmas negações estão impregnadas de resistências que acabam compondo a arte de diferenciação, que para muitos teóricos constitui uma “ideologia”.

3. Negatividade da ação ideológica

Ao tratar-se do conceito de ideologia, devemos atentar para os seus significados diversos, resultados de transformações de caráter histórico-social e material que somadas às condições e necessidades históricas da linguagem, permitiram com que eles se transformassem continuamente e coexistissem, causando grandes controvérsias.

Em seu livro “Ideologia. Uma Introdução”, Terry Eagleton (1997), faz uma interessante e esclarecedora explanação a respeito do conceito de ideologia, enumerando algumas das mais utilizadas acepções que esse termo pode encerrar.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Dentre as várias determinações que imprimem significado ao vocábulo, estão as que tratam de sua relação com as experiências vivenciadas, como afirma Althusser; considerações a respeito de valores fundamentais e seus contextos sociais; formações de “identidade” e seu reconhecimento; vinculações ao poder dominante, entre muitas outras.

A conclusão a que se pode chegar, uma vez escolhida a perspectiva de negação da positividade da ação ideológica, é que o conceito de ideologia é indiscriminadamente utilizado em defesa de qualquer causa que se queira manter, o que, de certa forma, banaliza o conceito porque em algum momento, qualquer segmento ou grupo social pode reconhecer nas causas defendidas por determinado discurso ideológico a sua própria ideologia.

Mesmo diante de tantas perspectivas e tantas aplicações, fato é que todas elas terão lugar-comum na linguagem, e sendo esta inerente ao social, reconheceremos nelas significados manipulados e socialmente direcionados ainda que subjetivamente.

Alfredo Bosi em *O ser e o tempo da poesia* (2000), no capítulo “Poesia-resistência” escreve que:

o papel mais saliente da ideologia é o de cristalizar as divisões da sociedade, fazendo-as passar por naturais; depois, encobrir, pela escola e pela propaganda, o caráter opressivo das barreiras; por último, justificá-las sob nomes vinculantes como Progresso, Ordem, Nação, Desenvolvimento, Segurança, Planificação e até mesmo (por que não?) Revolução. (Bosi, 2000, p. 168)

A ideologia para Bosi nada mais é do que uma forma de dominação, mesmo quando se pensa em libertação. Ela instaura um pensamento que, mesmo nos casos apresentados por Eagleton(1997), procuram resgatar a “pseudototalidade”, termo que Bosi(2000) utiliza para caracterizar a finalidade ideológica.

Essa “pseudototalidade”, tão falsamente alardeada impregna todos os setores sociais, visto que é construída em discursos ideológicos que são compartilhados com a fidedignidade de algo que representa um conjunto de pensamentos coletivos. A negação da ação ideológica permite entender que mesmo uma “ideologia” de resistência abarca uma totalidade falsa que não penetra os círculos além dela. E o contra-ideológico passa assim, naturalmente, a constituir um ramo dessa mesma “pseudototalidade”.

A utopia, desvinculada dos discursos e valores ideológicos, é o expediente mais fiel à resistência da poesia e da arte. Ela apoiará a negação de qualquer ação ideológica e desviará o equívoco de inserção numa falsa totalidade, permitindo que a arte não seja rendida por ideais estagnados e arbitrários. Não



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



permitir que o cotidiano oprima a recriação e ressignificação dos sentidos convencionais, transcriando as significações, renovando o simbólico, imprimindo-lhes poética, é claramente um expediente conhecido de resistência e que possui variações históricas, sociais e materiais. Na tentativa apaixonada de subverter o estabelecido, a poesia atravessa o tempo resistindo historicamente em muitos aspectos.

Essa resistência historicamente estabelecida nas artes em geral é essencial às transformações, renovações e quebras das dominações vigentes; e mesmo que tenha sido considerada, em outros tempos, de forma desdenhosa e negativa, sendo disseminada como subversiva, existiu, sempre, como forma de libertação. A atribuição de caráter subversivo à arte, em especial à literatura e à poesia, é tão recorrente e remoto quanto à resistência das ações de negatividade às ideologias.

Os textos literários, na maioria das vezes, eram considerados transgressores, como podemos observar no diálogo entre Sócrates e Glauco no “Livro X” de *A República*, de Platão. Sócrates faz uma crítica impiedosa à poesia, que fora proibida no seu Estado, atentando Glauco para seus malefícios e sua inutilidade; os poetas, considerados como meros imitadores das aparências, eram ignorantes da verdade. Sedutora, a poesia proporcionava a corrupção da razão por meio da ilusão; seguir a razão era o único caminho que qualquer homem honesto, racional e virtuoso poderia tomar; não obstante, a poesia deveria seguir o mesmo rumo, e não promover a expansão dos sentimentos, enfatizando-os e colocando-os acima da razão e da lei.

A libertação buscada na obra de Grotowski, por meio do ato de criação, é a mesma libertação que deveria romper a “anulação muda da alma...” (Rolim, 1996, p.43), que surge implícita e suprimida por uma constatação conformada da hipocrisia. Ela é a mesma forma de resistência tão necessária à arte de diferenciação que exerce influência direta no conteúdo da obra e em sua produção.

Partilhada pelo teatrólogo e pelo poeta, a libertação inerente às obras e aos recursos comunicativos de expressão, ao abandono das formas tradicionais e convencionalmente instituídas, estabelece ponto de contato entre suas produções que comungam, ao menos no que diz respeito às duas criações analisadas, da mesma negação da ação ideológica no que tange à perspectiva escolhida no presente trabalho.

No poema, o eu lírico fala em primeira pessoa do plural e em nome de um coletivo, e não define intervenções, o que pode sugerir essa falsa idéia de ideologia e uma reação a ela.

A relação com o coletivo no poema é decorrente das condições sociais que posicionam o eu lírico nesse mesmo coletivo. Se, “a posição social é um aspecto da estrutura da sociedade” e (...) “os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas” CANDIDO (2000, p. 22 e 23), então existe a intenção, mesmo que não explicitada no poema, de fazer de sua voz a voz coletiva. Ainda que o eu lírico não reivindique nenhuma ação do coletivo, nota-se a insatisfação dele para com o coletivo, que naturaliza a manipulação contínua :

Usamos arranjos de um ato escrito por um sujeito
ordinário, simples, humano
leal e desleal... uma bomba!
Somos intérpretes de um pulo rastreado de indolência ...
(Rolim, 1996, p. 43)
[...]

Essa reação não vem exortar às ações, mas vem descrita com sentidos amargurados e obscuros que transmitem sensações angustiadas, e uma clara ideia de impotência diante desse mesmo coletivo:

Somos precipícios da sombra de um ser dormente,
ofegante e entranhado de suspiros noturnos...
Estraçalhados em mil pedaços ou reconstruídos de seiva;
Deixamos transpor pelos poros... o sentido
do nada,
enraizado na hipocrisia
anulação muda da alma...

(visão refletida no avesso de uma leitura de Grotowski)
(ROLIM, 1996, p. 43)

Os vocábulos *dormentes*, *noturnos* e *ofegante* ilustram satisfatoriamente a sensação de angústia. A impotência de sermos “Estraçalhados em mil pedaços ou reconstruídos de seiva;” Rolim (1996, p. 43) deixa evidente a amargura de ser manipulado, e tudo isso porque temos a alma anulada pela hipocrisia dominante e subjacente, arraigada culturalmente, e assim, “ideologicamente”:



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Deixamos transpor pelos poros... o sentido
do nada,
enraizado na hipocrisia
anulação muda da alma...”

(visão refletida no avesso de uma leitura de Grotowski)
(ROLIM, 1996, p. 43)

A observação do “avesso” que o eu lírico faz ao fim do poema pode ser compreendida com relação à ação. O poeta se refere ao avesso porque Grotowski revolucionou suas técnicas com a prática incessante de exercícios corporais e mentais que desenvolvessem a naturalidade dessa ação, o que levaria à auto-revelação.

O poeta, então, faz uma crítica, a essa naturalização de nós mesmos, do coletivo, diante das “técnicas” de dominação social; enquanto Grotowski rompe com a forma de produção tradicional da obra em busca da auto-revelação, utilizando técnicas para naturalização do corpo e da mente na atuação, o coletivo deixa-se manobrar naturalmente por meio de “técnicas” dominantes, imbuídas de pseudo vontade - própria, para nos anularmos na hipocrisia.

A naturalização que Grotowski propõe e busca, substancialmente voltada para a libertação da obra e que nós deveríamos conceber e utilizar para a nossa própria auto-revelação, vem manipulada pelas convenções e tradições fixadas por grupos socialmente dominantes e que estendem esse domínio também às artes, instituindo aquilo que deve ou não ser reconhecido e veiculado socialmente.

A ambigüidade pode ser reconhecida na escolha pelo vocábulo “avesso”. O poema desvela outro significado com relação à naturalização das ações; a segurança que ela deveria proporcionar por ser tão buscada é dissimulada, e revela a auto-anulação quando deveríamos buscar, por intermédio dela a auto-revelação.

“Sabotar” a si mesmo em nome de uma “pseudototalidade” arbitrária e estar naturalizado com isso, sem sabê-lo, é como não ter o “pasma essencial” do qual falava Fernando Pessoa, personificado em Alberto Caeiro, um de seus pseudônimos.

No trecho do poema:



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Tudo isto é ato de ator (uma devoração mútua)
ofício decaído de entulhos
entre musgos frisados de fala em fala.
Recitar a febre no queimar da carne.
Amarelar o canto de cara suja
de lama pura de um esgoto escuro.
(Rolim, 1996, p. 43)

O “ato de ator” configura o ato criativo que nos consome em uma encenação mecânica e irrefletida de nós mesmos: “uma devoração mútua” (ROLIM, 1996, p. 43). Encenação hipnótica como um ato criativo de Grotowski, mas com finalidades sem nobreza ; ação presa à técnicas que não conferem a libertação, e sim à escravidão indolente dos desavisados.

Não existindo nenhum apelo que impulse mudanças, a voz do sujeito dilui-se no coletivo e posiciona-se em conformidade com ele; exprime um desabafo resignado; constrói um “retrato” da alienação, tendo como referência as técnicas de “auto-revelação” de um dissidente do convencionalismo ultrapassado, que, ironicamente, nos conduzem à anulação silenciosa. A libertação esconde-se no avesso dela mesma e a naturalização amortece a alma e nos deixa mais distantes de nós mesmos. A ação pode ser tão criativa e redentora quanto castradora e mascarada: tudo depende do avesso.

4. Considerações Finais: o avesso

O avesso do poema de Djandre é significativo na compreensão do estudo porque revela que mesmo a ruptura transforma-se em tradição porque se converte em repetição. Repetir e diferenciar sob o signo da ruptura evidencia a negação das determinações; da ação ideológica que permeia o social e que se efetiva em diferentes configurações que mascaram seu caráter dominador, estabelecendo uma falsa totalidade.

Combatentes e resistentes, porém exaustas, as vanguardas modernistas perderam força no âmbito da ruptura. Da repetição de suas ações surge a impossibilidade de renovação, e demonstra mais profundamente a ilusão do rompimento total com a tradição; fato que não determina o fim de uma resistência e negatividade

na literatura, poesia ou nas artes em geral porque, salutarmente, elas não se esgotam na hierarquização conceitual e material decorrente da ideia do absoluto.

Os movimentos gerados em torno de uma procura incessante pela (re)significação é fruto, segundo Octavio paz, da técnica que subtrai a “imagem do mundo”, não podendo estar configurada em linguagem. Para ele ,

a técnica liberta a imaginação de toda mitologia e coloca-a frente ao desconhecido. Faz com que ela se defronte a si mesma e, diante da ausência de toda imagem de mundo, leva-a a configurar-se. Essa configuração é o poema. Fixado sobre o informe, tal como os signos da técnica, e como eles em busca de um significado incessantemente elusivo, o poema é um espaço vazio mas carregado de iminência. Ainda não é presença: é um conjunto de signos que procuram o seu significado e que não significam outra coisa além de ser procura. (Paz, 1971, p.104).

A técnica é imbuída de um prazo de duração que está ligado ao seu caráter de efetividade; se sua eficácia enquanto instrumento torna-se desgastada, ela perde o sentido em decorrência da falta de “imagem do mundo”. Assim, a procura inerente ao poema pode ser entendida como uma procura que se instaura também no sujeito da produção e caracteriza a necessidade, já anteriormente mencionada, de libertação.

A libertação também procura, para que por meio dessa procura alcance a “presença” nas formas de re(significação) e possa preencher o espaço vazio do poema. Sendo a libertação da tradição característica do moderno, e este sendo considerada também como “uma tradição feita de interrupções e onde cada ruptura é um começo” (Paz, 1998, p. 17), a tradição, portanto, possui a característica fundamental da pluralidade, que destaca a heterogeneidade conceitual, histórica, estilística, estrutural e material.

O avesso da tradição e da continuidade atinge o moderno e imprime a tradição da ruptura, que de qualquer maneira caminha não pela recriação das relações sociais, mas pela pluralidade e heterogeneidade singular da interrupção. Esta interrupção permeia tanto o poema de Djandre quanto a práxis de Grotowski nas suas produções artísticas que tradicionalmente começam na ruptura.

Referências



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



- ABRÃO, Daniel. Poesia sul-mato-grossense contemporânea: tradição e contemporaneidade. In GUERRA, V. M. L; NOLASCO, E.C. **Formas, espaços, tempos: reflexões de linguística e literatura**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2010.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 6ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Abril Cultural, 2000. Série Os Pensadores.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia. Uma introdução**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.
- INFORMATIVO CULTURAL. Ano 1, 1.ed.abr, 1997. Campo Grande-MS.
- LIMA, L. C. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1986.
- PAZ, Octavio. Os signos em rotação. In: LAFER, Celso; CAMPOS, Haroldo de. **Signos em rotação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- PAZ, Octavio. La Tradición de la ruptura. In: PAZ, O. **Los hijos Dellimo**. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A, 1998.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1997.
- SCHEFFLER, Ismael. Elos de uma mesma cadeia - diferentes períodos no transcurso de JerzyGrotowski. In: **Revista Espaço Acadêmico número 43**. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br>, Acesso em 09/12/2012.
- ROLIM, Carlos Djandre. **Poemas Inomináveis**. Campo Grande: Gráfica da UFMS, 1996.
- ROLIM, Carlos Djandre. **Idioma das dalias**. Campo Grande: Sólivros, 2001.
- ROLIM, Carlos Djandre. **Poetizando sonhos**. Campo Grande: Sólivros, 2006.
- ROLIM, CarlosDjandre. **Deslimite da Razão**. Campo Grande: Life, 2010.
- SOUZA, Ana Arguelho. Prefácio. **Poemas Inomináveis**. In ROLIM, CarlosDjandre. **Poemas Inomináveis**. Campo Grande: Gráfica da UFMS, 1996.